

Amazônia e Igreja

Anunciar o Evangelho de Jesus faz parte da essência da Igreja. A Igreja é em si mesma missionária. *Ir, sair, partir, caminhar...* são verbos e essenciais para o ser da Igreja de Cristo, cuja vida e missão, desde os seus primórdios, se misturam com os ambientes aos quais ela leva a mensagem do Evangelho. É nesse sentido que foi realizado, em Roma, de 6 a 27 de outubro, o Sínodo dos Bispos para a Amazônia. Aliás, seria mais abrangente dizer Pan-Amazônia, uma vez que se trata de uma região compartilhada por diversos países da América do Sul, ainda que a maior parte do território amazônico esteja sob jurisdição do Estado brasileiro.

O Sínodo dos Bispos foi um legado direto do Concílio Vaticano II, na sua intenção de ser uma Igreja atenta à humanidade atual. Nesse sentido, o Sínodo dos Bispos se mostra um organismo momentâneo e pontual que reúne alguns representantes da ação evangelizadora da Igreja em torno ao Papa para ajudá-lo em sua missão de confirmar os irmãos na fé. Trata-se de um momento de oração, reflexão e busca de novos encaminhamentos para a vida e da Igreja.

Desde o papado de Bento XVI, a metodologia dos sínodos tem sido aprimorada em vista de favorecer a uma maior escuta de todos os fiéis quanto aos temas relativos à evangelização. Os documentos preparatórios aos sínodos recentes têm exigido que uma consulta direta aos fiéis, através de entrevistas escritas, a fim de que os temas tratados no sínodo tenham a marca da concreta experiência de vida dos católicos espalhados pelo mundo. A partir das respostas dadas pelos fiéis, elabora-se um instrumento de trabalho a ser discutido, rezado e refletido no sínodo. O sínodo tem a liberdade para elaborar seu documento final, o qual é enviado ao papa, a fim de que ele escreva a Exortação Apostólica, com a qual apresentará orientações precisas a respeito dos temas tratados pelo sínodo.

A questão amazônica faz parte das preocupações principais do Papa Francisco. É um assunto tratado com especial atenção na encíclica *Laudato si'* e sua reflexão acerca de uma ecologia integral. Não se trata apenas pôr em discussão a importante questão da preservação do meio ambiente, mas de pôr a pessoa humana no centro de todas as discussões sobre a vida na terra. É neste contexto que aconteceu o Sínodo para a Pan-Amazônia.

Causou esperança e também e também apreensão que o Sínodo tenha tratado de temas que abrem novos caminhos para Igreja, pois a evangelização na Amazônia desafio a Igreja num ponto que lhe é essencial: a celebração eucarística. Muitas comunidades católicas vivem isoladas nos rincões da imensa floresta verde e são privadas da eucaristia. Outro aspecto consiste em que, em sua maioria, tais comunidades são dirigidas por mulheres. Os novos caminhos a serem buscados podem estar na linha de estender o ministério ordenado a homens casados e também às mulheres, pelo menos no grau do diaconato. Merece aplauso que tais assuntos sejam colocados em pauta e servem para a reflexão de todos os fiéis e principalmente das lideranças eclesiais no sentido de perceber a necessidade de uma constante adaptação do Evangelho aos tempos atuais.

As grandes celebrações do Sínodo, como a de abertura e encerramento, foram marcadas por um clima de comunhão e alegria, tal qual acontece nos encontros e celebrações das comunidades eclesiais de base, em que se evidencia mais uma Igreja-comunidade que uma Igreja-hierarquia. Símbolos e sonhos dos povos se mesclam como os símbolos e sonhos do Evangelho. Convém lembrar que, durante o sínodo, um dos templos católicos nas imediações da praça de São Pedro foi transformada na Tenda da Casa Comum. Ali, com a simplicidade, a criatividade e o profetismo das comunidades eclesiais de base, os temas tratados na sala oficial do Sínodo ressoavam e ecoavam, dando sinal da comunhão de todos com a intenção geral do Sínodo na sua busca de renovação da evangelização da Amazônia.

O Sínodo também tornou evidente a oposição de muitos católicos aos gestos, palavras e atitudes do Papa Francisco. Ele, no entanto, parece não se importar com as críticas e segue na sua reforma missionária da Igreja Romana, sem medir esforços em explicitar sua opção pelos pobres e excluídos do mundo atual.

O tempo posterior ao Sínodo pode descortinar muitas intuições que, quiçá, se tornarão atitudes práticas na vida eclesial. A Amazônia que tem sido um ventre para a vida na terra, pode também ser um ventre para gerar uma Igreja renovada e sempre fiel ao Evangelho de Jesus.

Delmar Cardoso
Editor